

Um deflagrar da existência sob o sol, o mar e a mulher

O conto "As águas do mundo"¹ está presente no compilado de contos Felicidade Clandestina (1971), da escritora Clarice Lispector, e também faz parte do romance "Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres" (1969), além de ter sido publicado em crônica (1968). Esta ampla utilização de um mesmo texto em diferentes tipos de publicação certamente aponta para uma prática pós-modernista, em que se insere a escritora, e a um hábito comum em suas obras, como aponta o professor de literatura brasileira e portuguesa, Carlos Mendes de Sousa, em seu posfácio para "Laços de família", publicado em Lisboa²:

"É sobretudo a partir do ano de 1969 que, com a publicação de 'Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres', se torna muito visível um dos traços assinaláveis na literatura do chamado pós-modernismo: a prática da colagem, a partir da retoma de fragmentos publicados em outros lugares e incorporados num novo conjunto" (2006, p. 130)

Neste conto, que de fato pode ser visto como um pequeno fragmento, o narrador, aqui em terceira pessoa e onisciente, nos apresenta uma história que se passa em um momento curto, em que uma mulher na praia vai banhar-se nas águas do mar e depois volta a areia. Quase como em uma peça de teatro, mas com uma narrativa muito diferente daquela dramática, o cenário simples de uma praia vazia, pois são seis horas da manhã, apresentado no início, nos coloca já de prontidão a observar aquela mulher e invoca elementos que refletem as condições essenciais dos dois personagens principais desse conto: a mulher e o mar. Ambos são colocados em equivalência, postos como os mais ininteligíveis de suas dimensões, uma a humana e outra a não humana. No decorrer desta análise do conto ficará perceptível que talvez essa seja a única similaridade entre os dois, pois são em suas

¹ LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina: As águas do mundo. In: LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**: [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco digital, 2006.

² SOUSA, Carlos Mendes de, "A íntima desordem dos dias", In: LISPECTOR, Clarice. **Laços de**

Família: Lisboa, Cotovia, 2006, pp. 127-154.

oposições, o tema no qual se dará grande parte do desenvolvimento da história e o que confere a esse conto seus mistérios, questionamentos e divagações. Assim, logo no início do conto, é possível antever o que se dará mais à frente, através da frase inicial do segundo parágrafo, colocada em uma condicional: "Só poderia haver um encontro dos seus mistérios se um se entregasse ao outro". Esta entrega de fato acontece, mas até lá há hesitação. Portanto, pode-se marcar pelo menos três momentos importantes nessa pequena narrativa: o momento antes da entrada no mar; a experiência de entrar no mar, e estar/ser dentro dele; e a saída do mar. Além disso, o curioso título "*As águas do mundo*", abre um leque de interpretações possíveis, visto que as águas do mar adentradas pela mulher podem ser por essa lógica, uma relação também com o mundo, visão que será abordada mais adiante.

Posto isto, o primeiro momento antes da entrada no mar nos coloca em perspectiva o cenário, e as primeiras metáforas e questionamentos já surgem, questões que são trazidas pelo narrador que observa as coisas que acontecem, transmitindo as suas sensações e a dos personagens a seu modo, introspectivo. Assim, a presença de um cão negro na praia, o único ser vivo mencionado além da mulher (não nomeada- o que a confere um caráter universal), vem com uma questão e uma resposta em seguida: "Porque um cão é tão livre? Porque ele é o mistério vivo que não se indaga". Aqui já se pode perceber que o conto procura um foco maior para as existências, tanto do mar e da mulher, que são ininteligíveis e que também, assim como o cão, são misteriosos. O cão não se indaga: não sabe de sua existência, mas existe, e por isso é livre.

Na passagem mais à frente, a mulher, confrontada com a vastidão do mar, percebe e se consola na sua exiguidade, e através dela "permite manter-se quente", e "é essa exiguidade que a torna pobre e livre gente, com sua parte de liberdade de cão nas areias". A mulher, portanto, aproxima-se do cão em sua liberdade, nesta comparação, pois como ele, que não sabe da própria existência, talvez, ela deixa de pensar em sua existência por um instante, diante da grandeza do mar. Logo em seguida, sabe-se que a mulher entrará no mar, caracterizado como "ilimitado frio que sem raiva ruge no silêncio das seis horas". Observa-se nessa passagem que as características atribuídas ao mar durante o conto trazem uma sensação de oposição aos sentimentos e características da mulher, que começa a se desenhar, visto que o

mar é o "frio" e a mulher, "quente", e que ela é exígua, pequena, em relação ao mar que é vasto, grande. Essas oposições vão se ampliando, como em seguida, em que há a constatação de que a mulher está sozinha na praia, mas que o mar não é sozinho "pois é salgado e grande, e isso é uma realização". A relação com o mar, portanto, não é trivial para a mulher, como em outros seres humanos, que "transformam a entrada no mar num simples jogo leviano de viver".

O conto poderia tratar apenas da solidude de uma mulher na praia que vai ao mar, mas nesse conto de Clarice, o mar é contemplado como uma existência, e, dessa forma, como uma alteridade. A professora doutora em teoria literária Regina Pontieri, em um texto para a revista USP, chamado "Visões da alteridade: Clarice Lispector e Maurice Merleau-Ponty"³, discorre sobre as similaridades e diferenças entre a obra de Clarice Lispector e a filosofia de Maurice, principalmente no que diz respeito a questão da alteridade, e a relação do "eu" com o "outro", além de também tratar de Sartre para as suas comparações. Logo no início de seu texto ela aponta que "a experiência de construção da identidade através do confronto com a alteridade" é um "fio temático condutor" na obra de Clarice. Dessa forma, pode-se observar que estas relações com os *outros* estão sempre presentes em suas obras, sejam humanos (como o homem, a mulher, o adolescente) ou não humanos (como animais, e como nesse conto: o mar). A escrita de Clarice, portanto, por mais íntima e pessoal, sempre esteve ligada ao mundo, às relações, e consequentemente, à sociedade.

Dessa forma, retomando o fio da narrativa, a entrada no segundo momento, da entrada da mulher no mar, é precedida pela percepção do narrador de que aquela mulher está cumprindo uma coragem: "a de, não se conhecendo, no entanto, prosseguir". Porém, ao ir entrando, além da sensação do frio da água, nota-se a conjunção adversativa, "mas", que instaura o início do que seria o ápice, ou o clímax deste conto, mais à frente, pois "uma alegria fatal – a alegria é uma fatalidade – já a tomou". Assim como "é fatal não se conhecer", a alegria também é fatal, e portanto, a reflexão sobre o fato da existência é suspensa pelo sentimento de alegria, e em seguida, pelo sentimento de alerta, propiciado pelo cheiro da "maresia tonteante que a desperta de seus mais adormecidos sonos seculares". Este despertar marca a realização de uma nova fase para essa mulher, que se desdobrará nos parágrafos

³ PONTIERI, Regina Lúcia. **Visões da alteridade**: Clarice Lispector e Maurice Merleau-Ponty. Revista USP, São Paulo, v. 44, p. 330-334, dez./fev. 1999-200.

seguintes, e invoca uma figura que a aproxima de um caçador, que "está alerta sem pensar".

No final deste sexto parágrafo, certamente continua-se o prenúncio do que está por vir, pois o mar "a deixa entrar, como no amor em que a oposição pode ser um pedido". Os elementos do sétimo parágrafo, assim, começam a convergir para a entrega da mulher ao mar e vice-versa, sob a forma de uma relação que se desenha erótica, quase sexual. Ao se cobrir pela primeira onda, os atributos do mar ("o sal, o iodo"), que podem ser interpretados como masculinos, vigoram, e a mulher fica "por uns instantes cega, toda escorrendo – espantada de pé, fertilizada". Assim, ela é capturada por um mar que quase se metamorfoseia em um homem, e a fertiliza.

A entrega a este mar-mundo se dará, efetivamente, no oitavo parágrafo, em que o mistério é abraçado, visto que após o mar já ter realizado a sua entrega à mulher e a sua consequente fertilização, "o frio se transforma em frígido", passagem que aponta para esse momento posterior de um ápice da característica marcante do mar, indicando um foco maior na mulher, que "abre o mar pelo meio" e que "já não precisa da coragem, agora é antiga no ritual". Assim, agora é ela quem se entrega, de forma que "abaixa a cabeça dentro do brilho do mar", "brinca com a mão na água" e chega ao ápice, bebe a água do mar: "com a concha das mãos faz o que sempre fez no mar, e com a altivez dos que nunca darão explicação nem a eles mesmos: com a concha das mãos cheia de água, bebe em goles grandes, bons".

Dessa forma, é possível observar um ponto em que a automatização e a racionalização são postas à parte, culminando a um momento, que para não utilizar o termo usual e desgastado "epifania", muitas vezes referido para comentar as obras de Clarice, me interessa a leitura propiciada pelo professor de teoria literária e comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, João Camillo Penna, que reavalia a noção do termo "epifania" em um ensaio profundo, e através de James Joyce e de textos importantes da escritora, desconstrói o termo, de origem teológica, para elucidar que em Clarice, "a encarnação epifânica é a desencarnação de um mundo messiânico, nem belo, nem feio, mas neutro. Não epifania, mas mundo afinal apresentado em sua nudez".⁴(2010, p. 95). Isso pode ser evidenciado pelo que vem

em seguida, no nono parágrafo – "agora ela está toda igual a si mesma" – uma

⁴ PENNA João Camillo. **O nu de Clarice Lispector**. Alea: Estudos Neolatinos [online]. 2010, v. 12, n. 1 [Acessado 25 Janeiro 2024], pp. 68-96

espécie de neutralização, e também de plenitude, uma vez que "era isso o que lhe estava faltando: o mar por dentro como líquido espesso de um homem" – passagem que também evidencia o caráter sexual desta relação, como já mencionado anteriormente.

Mais à frente, antes da entrada no terceiro momento, da saída da mulher do mar, ela volta a mergulhar, bebendo mais de sua água, e "cada vez menos sôfrega e menos aguda", diferentemente do momento em que ela entrava no mar, e que era "uma compacta e uma leve e uma aguda". Se antes da entrega ao mar-mundo ela era uma compacta e leve, após esse momento as imagens que se desenhavam dela se aproximam de um navio: "pois ela é um anteparo compacto", "como contra os costados de um navio, a água bate, volta, bate". mostrando uma transformação que ocorreu, a tornando menos exígua, adquirindo maior tamanho e peso, o que talvez possa indicar uma resistência maior às águas do mundo após o momento de entrega, como aconteceu com o mar no momento em que "o frio se transforma em frígido".

Assim, o terceiro momento se inicia no penúltimo parágrafo quando a mulher começa a caminhar de volta à praia. Há aqui uma analogia à uma parte da história bíblica de Jesus Cristo, com o seu andar sobre as águas, de forma que a mulher "nunca faria isso depois que há milênios já andaram sobre as águas", e se contenta em caminhar dentro dela, o que talvez possa indicar a comunhão das existências do mar e da mulher. Além disso, novamente a imagem da mulher é associada ao navio: "o mar lhe opõe resistência", mas a "proa da mulher avança um pouco mais dura e áspera". Por fim, no último parágrafo, ela chega à areia, e as características que a transformaram com sua ida ao mar, através de sua entrega, permanecem apesar da sua resistência: "Sabe que está brilhando de água, sal e sol. Mesmo que o esqueça daqui uns minutos, nunca poderá perder tudo isso". A passagem seguinte também traz uma imagem interessante: "E sabe de algum modo obscuro que seus cabelos escorridos são de um naufrago", apontando que mesmo com a tentativa de resistir às águas deste mar-mundo, o mistério da entrega permanece na mulher, revelado

através de seus cabelos que são equiparados a um navio afundado, o que pode ser interpretado como a lembrança do momento em que aconteceu a entrega, que ficará marcado na mulher, e que no final há esta realização: “sabe que fez um perigo. Um perigo tão antigo quanto o ser humano”.

Enfim, muitos elementos da obra de Clarice Lispector podem ser encontrados neste conto, que embora curto, não deixa de proporcionar múltiplas camadas de interpretações possíveis. O feminino, tema comum nos escritos da autora, entra em contato erótico com um mar-mundo masculino, além da experiência de vivenciar a existência humana sem automatizações, permitindo o sentir sobre o que é racionalmente imposto, e diante do mistério que é a própria existência, e do perigo que é ter ou não tal consciência. Como já foi dito, o conto poderia tratar apenas da solidude de uma mulher que vai a praia para banhar-se no mar, mas o que é aparentemente simples, deflagra uma experiência única na vida de uma mulher, e isso é muito poderoso.